



O MURO

JEAN-PAUL
SARTRE

Tradução · Luísa Mellid-Franco

FICÇÃO · CONTOS

Índice

O MURO
9

O QUARTO
33

HERÓSTRATO
65

INTIMIDADE
83

A INFÂNCIA DE UM LÍDER
123

O MURO

Fomos empurrados para uma sala grande e branca, e os meus olhos puseram-se a piscar porque a luz os incomodava. Então vi uma mesa e quatro civis sentados, a olhar para uns papéis. Tinham amontoado os outros prisioneiros no fundo da sala, e tivemos de atravessar de um lado ao outro para nos juntarmos a eles. Estavam ali vários que eu conhecia, e outros que deviam ser estrangeiros. À minha frente estavam dois loiros de cabeças redondas; eram parecidos: franceses, pensei. O mais baixo arregaçava continuamente as calças para cima: era nervoso.

A situação durou quase três horas; eu estava atordoado e sentia a cabeça vazia, mas a sala estava bem aquecida e até me pareceu agradável: havia vinte e quatro horas que não tínhamos parado de tremer de frio. Os guardas levavam os prisioneiros, um por um, para diante da mesa. Os quatro homens perguntavam-lhes, então, qual o nome e a profissão. Na maior parte das vezes, não iam além disso – ou então faziam, de vez em quando, uma pergunta: «Participaste na sabotagem das munições?» Ou: «Onde estavas na manhã do dia 9, e o que estavas a fazer?» Não ouviam as respostas, ou pelo menos não pareciam ouvir: calavam-se um momento e olhavam fixamente para a frente, para depois começarem a escrever. Perguntaram a Tom se era verdade que tinha feito parte das Brigadas Internacionais: Tom não podia negar por causa dos papéis que encontraram no seu casaco. Não perguntaram nada a Juan, mas depois de dizer o seu nome, escreveram durante bastante tempo.

– É o meu irmão José que é anarquista – disse Juan. – Sabem muito bem que ele já não está entre nós. Eu não pertenço a nenhum partido; jamais me envolvi em política.

Eles não responderam. Juan ainda acrescentou:

– Eu não fiz nada. Não quero pagar por outros.

Os seus lábios tremiam. Um guarda silenciou-o e levou-o dali.

Chegou a minha vez.

– Chama-se Pablo Ibbieta?

Respondi que sim.

O homem olhou para os papéis e perguntou:

– Onde está Ramon Gris?

– Não sei.

– Escondeu-o em sua casa entre o dia 6 e o dia 19.

– Não.

Escreveram durante algum tempo, e os guardas mandaram-me sair. No corredor, Tom e Juan esperavam entre dois guardas. Pusemo-nos em marcha. Tom perguntou a um dos guardas:

– E então?

– Então o quê? – respondeu o guarda.

– Isto é um interrogatório ou um julgamento?

– Foi o julgamento – disse o guarda.

– E agora? O que vão fazer connosco?

O guarda respondeu secamente:

– Ser-vos-á comunicada a sentença nas vossas celas.

Na verdade, o local que nos servia de cela era uma das caves do hospital. Fazia um frio terrível por causa das correntes de ar. Tremíamos toda a noite, e durante o dia não era muito melhor. Eu tinha passado os anteriores cinco dias numa *oubliette*¹ do palácio do arcebispo, uma espécie de calabouço que devia datar da Idade Média: como havia muitos prisioneiros e pouco espaço, arrumavam-nos em qualquer sítio. Não senti saudades da minha enxovia. Lá não tinha sofrido de frio, mas estava sozinho, o que com o passar do tempo se torna exasperante. Na cave tinha companhia. Juan não dizia nada, estava cheio de medo e, além disso, era demasiado jovem para dar a sua opinião. No entanto, Tom era um bom conversador e falava espanhol fluentemente.

¹ Masmorra com entrada por um alçapão por onde entra a luz vinda do tecto. (*N. de T.*)

Na cave, havia um banco e quatro colchões de palha. Quando nos trouxeram, sentámo-nos e esperámos em silêncio. Passado um bocado, Tom disse:

– Estamos feitos.

– Também acho – respondi –, mas penso que não farão nada ao miúdo.

– Não têm nada de que o acusar – afirmou Tom. – É irmão de um militante, só isso.

Olhei para Juan, ele parecia não ouvir.

Tom continuou:

– Sabes o que fazem em Saragoça? Deitam os homens na estrada e passam por cima deles com camiões. Foi um desertor marroquino que nos contou. Dizem que é para economizar munições.

– O que não economiza é a gasolina – disse eu.

Fiquei irritado com Tom, não deveria ter contado aquilo.

– Há oficiais que passeiam pela estrada – continuou –, com as mãos nos bolsos e a vigiar tudo enquanto vão fumando. E se pensas que dão um tiro de misericórdia àqueles desgraçados, estás redondamente enganado. Deixam-nos a gritar de dor. Às vezes durante uma hora. O marroquino disse que da primeira vez quase vomitou.

– Não creio que façam isso aqui, a não ser que estejam mesmo com falta de munições.

A luz do dia entrava por quatro saídas de ar através de uma abertura circular que tinha sido feita no tecto à esquerda, com vista para o céu. Era por esse buraco redondo, geralmente fechado por um alçapão, que o carvão era descarregado na cave. Mesmo debaixo do buraco havia uma grande pilha de pó de carvão que deveria aquecer o hospital, mas desde o início da guerra os pacientes tinham sido retirados, ficando lá o carvão, inutilizado; chovia sobre ele muitas vezes, porque se esqueciam de fechar o alçapão.

Tom começou a tremer.

– Raios me partam, estou a tiritar – disse. – Pronto, lá recomeça tudo.

Levantou-se e começou a fazer ginástica. A cada movimento, a camisa abria-se, mostrando um peito branco e peludo. Deitou-se de

costas, levantou as pernas e fez movimentos de tesoura, e eu conseguia ver o seu enorme traseiro a tremer. Tom era vigoroso, mas tinha muita gordura. Pensei nas balas de espingarda ou pontas de baioneta que em breve se espetariam naquela massa de carne macia como se fosse manteiga. Não faria o mesmo efeito se ele fosse magro.

Eu não estava propriamente com frio, mas já não conseguia sentir nem os ombros nem os braços. De vez em quando, parecia que me faltava alguma coisa e começava a procurar o meu casaco, que me deveria cobrir, e de repente lembrava-me de que não me tinham dado um. Era bastante penoso. Tinham levado as nossas roupas para dar aos seus soldados e deixaram-nos apenas as camisas – e umas calças de tecido, que os pacientes hospitalizados usam no pico do Verão. Passado um bocado, Tom levantou-se e sentou-se ao meu lado, ofegante.

– Conseguiu aquecer-te?

– Porra, não. Mas estou sem fôlego.

Por volta das oito da noite, entrou um comandante com dois falangistas. Tinha uma folha de papel na mão. Perguntou ao guarda:

– Como se chamam aqueles três?

– Steinbock, Ibbieta e Mirbal – disse o guarda.

O comandante pôs os óculos pincenê e olhou para a lista:

– Steinbock... Steinbock... aqui está. Foi condenado à morte.

Será fuzilado amanhã de manhã.

Olhou outra vez:

– Os outros dois também – confirmou.

– Não é possível – disse Juan. – Não eu.

O comandante olhou para ele, com ar surpreendido:

– Como se chama?

– Juan Mirbal – respondeu.

– Ora bem, o seu nome está aqui, foi condenado.

– Não fiz nada – disse Juan.

O comandante encolheu os ombros e virou-se para Tom e para mim.

– Vocês são bascos?

– Ninguém aqui é basco.

Parecia irritado.

– Disseram-me que havia três bascos. Não vou perder tempo a procurá-los.

Nesse caso não vão querer um padre, não é?

Nem respondemos.

– Virá em breve um médico belga que tem autorização para passar a noite com vocês.

Fez uma saudação militar e saiu.

– O que é que eu te dizia – afirmou Tom. – Estamos fritos.

– Sim, é uma merda para o miúdo.

Disse-o para ser decente, mas não gostava do miúdo. Tinha uma cara muito magra, e o medo e o sofrimento haviam-no desfigurado, distorcendo-lhe as feições. Três dias antes, era uma criança doce e inocente, que se podia achar encantadora; mas agora parecia uma bichona velha, e eu pensei que nunca mais seria jovem, mesmo que o libertassem. Não teria sido mau manifestar-lhe um pouco de pena, mas a pena mete-me enjo e ele, na verdade, provocava-me antes aversão.

Não disse mais nada, contudo, ficou lívido: o seu rosto e as suas mãos tinham ficado acinzentados. Voltou a sentar-se e olhou para o chão com os olhos esbugalhados. Tom era uma boa alma e quis pegar-lhe no braço, mas o miúdo libertou-se violentamente, com um esgar.

– Deixa-o em paz – disse eu baixinho –, não vês que ele se vai pôr a chorar baba e ranho?

Tom obedeceu a contragosto; teria gostado de reconfortar o miúdo: ter-se-ia mantido ocupado, e não teria sido tentado a pensar em si próprio. Era o que me irritava: eu nunca tinha pensado na morte porque a ocasião não tinha surgido, mas agora a ocasião surgira e não havia mais nada a fazer a não ser pensar no assunto.

Tom começou a falar:

– Andaste a aviar gajos? – perguntou-me.

Eu não respondi, mas ele começou a explicar-me que tinha aviado seis desde o início de Agosto; não se apercebia da situação, e eu percebi que ele não *queria* aperceber-se. Eu próprio ainda não a tinha compreendido completamente; interroguei-me se doeria muito, pensei nas balas, imaginei a sua chuva de fogo a atravessar o meu corpo.

Tudo o que estava para além da verdadeira questão; mas eu estava calmo, tínhamos toda a noite para assimilar.

Passado um bocado, Tom parou de falar e eu observei-o pelo canto do olho. Vi que ele também tinha ficado cinzento e que parecia miserável, pensei: «Isto está a começar.» Era quase noite, uma luz ténue filtrava-se pelas aberturas de ventilação e pela pilha de carvão, e desenhava uma grande mancha no céu; através do buraco no tecto já conseguia ver uma estrela: a noite seria pura e gélida.

A porta abriu-se e entraram dois guardas. Atrás vinha um homem loiro de uniforme belga, que nos cumprimentou:

– Sou médico – disse. – Tenho autorização para vos acompanhar nestas circunstâncias difíceis.

Tinha uma voz agradável e distinta. Perguntei-lhe:

– O que vem aqui fazer?

– Estou ao vosso dispor. Farei tudo o que for possível para vos tornar estas poucas horas menos penosas.

– Por que razão veio ter connosco? Há outras pessoas; o hospital está cheio de gente a morrer.

– Mandaram-me para aqui – respondeu vagamente. – Ah! Gostariam de fumar, não é? – acrescentou apressadamente. – Tenho cigarros e até charutos.

Ofereceu-nos cigarros e charutos ingleses, mas nós recusámos. Olhei-o nos olhos e pareceu constrangido. Disse-lhe:

– Não veio aqui por compaixão. Além disso, eu conheço-o. Vi-o com uns fascistas no pátio do quartel, no dia em que fui preso.

Estava prestes a continuar, mas de repente aconteceu algo que me surpreendeu: a presença do médico deixou abruptamente de me interessar. Por norma, quando estou concentrado num homem, não o largo. No entanto, a vontade de falar abandonou-me; encolhi os ombros e desviei o olhar. Pouco depois, levantei a cabeça: ele observava-me com uma expressão curiosa. Os guardas tinham-se sentado num colchão de palha. Pedro, o alto e magro, girava os polegares; o outro sacudia a cabeça de vez em quando para se manter acordado.

– Quer um pouco de luz? – perguntou, de repente, Pedro ao médico.

O outro fez que sim com a cabeça. Acho que era burro como uma porta, mas provavelmente não era malévolo. Ao fitar os seus grandes olhos azuis e frios, pareceu-me que o seu principal problema era a falta de imaginação. Pedro saiu e voltou com um candeeiro de petróleo, que pousou no canto do banco. Alumiaava mal, mas era melhor do que nada: no dia anterior tínhamos ficado às escuras. Olhei por momentos o círculo de luz que o candeeiro projectava no tecto. Estava fascinado. E então, de repente, caí em mim, o círculo de luz desapareceu e senti-me esmagado sob um peso enorme. Não era a ideia da morte, nem o medo, era qualquer coisa sem nome. Tinha as maçãs do rosto a arder e uma grande dor de cabeça.

Sacudi-me e olhei para os meus dois companheiros. Tom tinha enterrado a cabeça nas mãos; só conseguia ver o seu pescoço branco e oleoso. O pequeno Juan era de longe o que estava em pior estado; tinha a boca aberta e as narinas a tremer. O médico aproximou-se e pôs-lhe a mão no ombro, como se o quisesse confortar, mas os seus olhos mantiveram-se frios. Então, vi a mão do belga deslizar disfarçadamente pelo braço de Juan até ao pulso. Juan deixou que o fizesse com indiferença. O belga segurou-lhe o pulso entre três dedos, com um ar distraído, e ao mesmo tempo recuou um passo, para me virar as costas. Porém, eu inclinei-me para trás e vi-o tirar o relógio do bolso e olhá-lo por um instante, sem largar o pulso do rapaz. Passado um bocado, deixou cair a mão inerte e foi encostar-se à parede. Depois, como se se tivesse lembrado de algo muito importante que precisava de ser anotado imediatamente, tirou um caderno do bolso e rabiscou algumas linhas. «O velhaco», pensei com raiva, «ele que não se atreva a tentar medir-me o pulso porque leva um murro naquela cara nojenta».

Não se atreveu, mas senti que me observava. Levantei a cabeça e devolvi-lhe o olhar. Disse-me, com uma voz impessoal:

– Não lhe parece que uma pessoa enregela aqui dentro?

Parecia estar com frio; estava roxo.

– Não tenho frio – respondi.

Não parava de me fitar, com um olhar sério. De repente, compreendi e levei as mãos à cara: estava ensopado em suor. Naquela cave, no pino do Inverno, em plena corrente de ar, eu suava. Passei os dedos